

que o grão sofre, fá-lo saltar do mesmo modo como se fosse apertado entre dois dedos. Todo este maquinismo está assentado sobre uma armadura composta de quatro paus perpendiculares, tendo quatro outros laterais e quatro transversais; estes últimos são do comprimento do cilindro; por baixo do cilindro há uma peneira, que recebe um movimento de vai e vem, para separar a casca do grão, porém deixa muito a desajar. Do outro lado exterior do cilindro há outra tábua junto ao cilindro para tirar os grãos, que ficam presos às pontas e não passam de novo. A medida que o café é despoldado vai caindo no primeiro tanque, que já contém a água alcalizada, ou depois de ter o café despoldado e repassado, se for preciso, se deita a água e se alcaliza, e depois daí se tem deixado as gomas, fécula, glúten, etc., que se precipitam imediatamente, passa-se para o segundo tanque, que contém a água limpa, onde fica duas ou três horas e mesmo a noite inteira.

"Como o café contém mucilagem goma, etc., na parte superior do cilindro há uma pequena caixa que recebe um filete d'água para cair sobre o cilindro por uma abertura do comprimento do cilindro e da largura de meia linha.

"Há, porém, uma advertência a fazer: os grãos do café, não sendo todos do mesmo tamanho, e tendo bastante elasticidade para se contrair, acontece que nem todo o café que passa é despoldado, mas faz-se então passar uma segunda vez.

"Esta máquina despolda um alqueire de café por minuto e o café é tanto melhor despoldado quanto maior é a sua velocidade.

Para lhe dar o movimento mais rápido dá-se em movimento por meio de uma corda sem fim tocada por uma roda de garganta, que volta com o eixo da roda d'água. O número de voltas do cilindro é proporcional à grandeza das duas rodas. Se, por exemplo, a roda do cilindro tem um palmo de diâmetro, e a roda do grande eixo dois, o cilindro dará duas voltas, quando a do grande eixo der uma. Ora, como as rodas d'água do engenho de socar fazem uma revolução em dez polegadas a quinze polegadas, convém dar à roda do grande eixo seis a oito palmos de diâmetro, para que o cilindro faça num minuto 32 a 48 revoluções.

"A regularidade com que se faz este movimento é preferível mesmo aos engenhos tocados por animais. Mas, como a moer parte das fazendas de café não tem engenhos d'água, e esta máquina exige uma pequena força, tem-se julgado que a força de um homem, empregada diretamente sobre a manivela, pode produzir uma qualidade de trabalho equivalente a outro maquinismo; todavia, como quando se trata de economia de tempo e de trabalho efetivo é um erro, e tanto mais notável quanto geralmente falando, o número de braços de um país não está em relação com a riqueza. Para diminuir, pois, a força exercida sobre a manivela, quando se tem engenho d'água ou animais, põe-se em movimento o cilindro por meio de um mecanismo em tudo igual ao de um torno de marceneiro. O movimento então se torna mais regular por meio do volante (18). O seu movimento de impulsão não é todo empregado em vencer o movimento dos músculos do operário.

"Como pretendemos dar uma notícia, a mais completa que podemos, das máquinas que podem ser empregadas na lavoura do café para que o agricultor possa dispor da que melhor lhe convier, segundo as circunstâncias locais de sua fazenda ou de meios disponíveis, falaremos de alguns outros meios empregados em outros lugares e destinados ao mesmo fim.

O PROBLEMA ALGODOEIRO

Tendo a imprensa da Capital noticiado amplamente os pronunciamentos do sr. Deodoro Perrelli, um dos nossos Delegados à Conferência Algodoeira do México, acerca das implicações e reflexos sobre a situação algodoeira nacional, esse técnico e profundo conhecedor dos problemas algodoeiros, tanto do ponto de vista econômico como comercial, foi procurado pelo "Diário do Comércio", órgão da Associação Comercial de São Paulo, tendo, então, sintetizado o equacionamento do problema algodoeiro nacional, confirmando, por assim dizer, parte do que o Diretor do Departamento de Algodão, da S. R. E., afirmou em reuniões da Comissão de Defesa e Promoção da Cotonicultura da Secretaria da Agricultura e na Sociedade Rural Brasileira. Desde que estamos reunidos para encontrarmos os rumos d'uma reformulação de nossa política algodoeira, abandonada por causas que no momento não convém repisar, de vez só nos preocupar o futuro, oportuno trazer a público os pontos essenciais do pronunciamento do Presidente do Sindicato do Comércio Atacadista do Algodão e Diretor da Bolsa de Mercadorias de São Paulo, porquanto os mesmos poderão ser de utilidade para o exame do problema, cujo equacionamento tanto nos preocupa.

Respondendo ao repórter daquele diário, se acreditava na reabilitação da produção algodoeira do país, o sr. Deodoro Perrelli respondeu afirmativamente, desde que os seguintes princípios sejam adotados:

1.º — no setor agrícola

a) uma reestruturação de base, examinando-se a conveniência ou não de adaptação de novas variedades nas regiões meridional e setentrional do País, preferencialmente sob os auspícios governamentais. Aliás, São Paulo já ini-

"Uma das máquinas que se usava para despoldar o café, consiste em uma roda de pedra igual a uma mó, que roda sobre uma mesa de pedra circular. A roda recebe um eixo em seu centro, este eixo vem ao centro da mesa. Este maquinismo é em tudo igual a um amassadouro de barro usado em muitas fazendas. O café que cai de uma espécie de moega é esmagado pela roda.

"Bem que esta máquina possa despoldar o café, contudo, sua morosidade a deve



ciado esse movimento sob os auspícios da Comissão de Defesa e Promoção da Cotonicultura da Secretaria da Agricultura, através da qual vem se desenvolvendo uma campanha educativa como plantar, adubar e combater pragas;

b) outorga, em tempo próprio, da garantia de preço mínimo ao produtor, capaz de estimular o plantio, a par de facilidades de crédito de "entre safra" e em bases mais simples e a juros mais módicos, a exemplo do que vem sendo praticado pelo Banco do Estado de São Paulo há dois anos a esta parte com grande aceitação nos meios rurais paulistas;

2.º — no setor comercial

Resteado de toda a "formação geral de preço" que nos habilita cada vez mais a enfrentar os demais países concorrentes e isso a despeito do algodão já estar incluído no mercado livre de câmbio; é que, uma análise de nossos preços nos adverte da necessidade d'uma distribuição ou, quando menos, de uma pausa em nossa elevação constante de "custos", fruto, como sabemos, de nossa inflação e desordem financeira.

fazer rejeitar, e só pode servir em pequenas plantações.

"Há outros meios de despoldar o café: em alguns lugares costumam fazê-lo pondo o café num tanque e pisando-o com os pés, do mesmo modo que se faz à uva, em Portugal; em outros, é por meio de pedras esfregando entre duas superfícies; porém estes modos são vagarosos e defeituosos, quando se tem de preparar uma grande porção de arróbas".

BIBLIOGRAFIA

- 1) Le Boque, Jean de — Voyage de l'Arabie Heureuse, Impresa em Amsterdam em 1715, transcrito e tradução pela revista «O Café» Ano 1931.
- 2) Painter, William — Patente inglesa de número 1094, expedida em 1775 por Lord Jorge II, Rei da Grã-Bretanha, França e Irlanda. Cópia cedida, por gentileza, pela Embaixada Britânica.
- 3) Tauney, Alonso de E. — História do café, Vol. II, pág. 7 — Departamento Nacional do Café, 1929, Rio de Janeiro.
- 4) Tauney, Alonso de E. — Obra citada — vol. II, pág. 149.
- 5) Tauney, Alonso de E. — Obra citada — vol. II, pág. 417.
- 6) Aguiar, Pedro José Joaquim Ferreira de — Pequena memória sobre a plantação, cultura e colheita do café, 1598, Imprensa Americana de I. P. da Costa, Rua atrás do Hospício, 160, Rio de Janeiro.
- 7) O auxiliar da Indústria Nacional. Ano 1835, pág. Extrato da Ata da fundação da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional.
- 8) O auxiliar da Indústria Nacional. Ano 1835, pág. Extrato da Ata de fundação Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional.
- 9) Tauney, Alonso de E. — Obra citada — vol. II, pág. 452.
- 10) Da café considerado no sentido da sua preparação, da sua colheita, da sua lavagem e da maneira de secá-la para conservar. 1843, Tip. S. José, 64, Rio de Janeiro.
- 11) Camsing, Theodoret e Mendes, J. E. Teixeira — Viagens de estudos aos países cafeeiros das Américas do Sul e Central. Colômbia, à pág. 59 1941, Instituto Agronômico, Campinas.
- 12) O Reilly, R. — Recapitulação do custo, despesas e rendimento dum estabelecimento do cultivo do cafeeiro, 1935 publicado em «O Auxiliar da Indústria Nacional».
- 13) Ukers, William H. — All About Coffee, 1922, pág. 245.
- 14) Lisboa, Miguel Maria — Memória sobre o café desceado, 1844, Litografia de Ludwig e Briggs, Rua Direita, 133 — Rio de Janeiro.
- 15) Geldeier, Antônio da Silveira — Memória sobre um novo método de preparar café, 1842, Tipografia Universal de Leemert.
- 16) Tauney, Alonso de E. — Obra citada — vol. II, pág. 228.
- 17) Cunha, Augustinho Rodrigues — Arte da cultura e da preparação do café, Manual do Agricultor Brasileiro, Tomo I, 1844, Tipografia Universal de Leemert, Rua do Lavradio, 43, Rio de Janeiro.

Do «Boletim da Sup. dos Serv. do Café»